



3

# A Educação

enquanto instrumento de  
emancipação e promotora  
dos ideais humanos

Américo Junior Nunes da Silva  
(Organizador)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022



3

# A Educação

enquanto instrumento de  
emancipação e promotora  
dos ideais humanos

Américo Junior Nunes da Silva  
(Organizador)

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



# A educação enquanto instrumento de emancipação e promotora dos ideais humanos 3

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaiddy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Américo Junior Nunes da Silva

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto instrumento de emancipação e promotora dos ideais humanos 3 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-849-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.493222801>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo de trato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. O cenário político de descuido e de trato com as questões educacionais, vivenciado recentemente e agravado com a pandemia, nos alerta para a necessidade de criação de espaços de resistência. Este livro, intitulado **“A Educação enquanto instrumento de emancipação e promotora dos ideais humanos”**, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, os professores e professoras pesquisadoras em seus diferentes espaços de trabalho.

É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade. Portanto, os diversos capítulos que compõem este livro tornam-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, considerando os diversos elementos e fatores que o intercrossa.

Neste livro, portanto, reúnem-se trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional, tendo a Educação enquanto fenômeno social importante para o fortalecimento da democracia e emancipação humana.

Os/As autores/as que constroem essa obra são estudantes, professores/as pesquisadores/as, especialistas, mestres/as ou doutores/as e que, muitos/as, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos/as autores/as e discussões por eles/as empreendidas, mobilizam-se também os/as leitores/as e os/as incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva e lúdica leitura!

Américo Junior Nunes da Silva



## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E A CULTURA IORUBÁ: UM DIÁLOGO A PARTIR DA MÚSICA  
'MARACATU DO MEU AVÔ'

Camila Oliveira Lourenço


Antonio Fernandes Nascimento Junior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4932228011>

### **CAPÍTULO 2..... 12**

A DIFICULDADE E A NECESSIDADE DE SER FREIREANO HOJE

Paulo Gomes Coutinho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4932228012>


### **CAPÍTULO 3..... 18**

ELABORAÇÃO DE UM PROGRAMA DE RESPOSTA À INTERVENÇÃO (RTI) EM  
SEGUNDA CAMADA PARA DESENVOLVIMENTO DO PRINCÍPIO ALFABÉTICO E DAS  
HABILIDADES METAFONOLÓGICAS

Melissa Pinotti Marguti

Alexandra Beatriz Portes de Cerqueira César

Simone Aparecida Capellini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4932228013>

### **CAPÍTULO 4..... 29**

REFLEXÕES SOBRE ÉTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE E CIDADÃ DOS DISCENTES

Sibeli Balestrin Dalla Costa


Inayara da Silva Rebelatto

Débora Juliana Hirt Lintzmaia

Derli Juliano Neuenfeldt

Cristiane Slusarski

Ananza Di Renzo dos Santos


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4932228014>

### **CAPÍTULO 5..... 34**

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO  
NA IDADE CERTA (Pnaic) SUBSUMIDO EM PERIÓDICOS ELETRÔNICOS E ANAIS DA  
ANPED NO ENTRETEMPO 2014-2020

Silvia Cristiane Alfonso Viédes

José Edson Barbosa de Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4932228015>

### **CAPÍTULO 6..... 46**


TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO: EXERCITANDO A LEITURA E A INTERPRETAÇÃO  
DE GRÁFICOS E TABELAS

Aleff Hermínio da Silva

Eduarda de Lima Souza

Claudilene Gomes da Costa


Marilza Pereira Valentini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4932228016>

**CAPÍTULO 7..... 59**

A BIOANTROPOÉTICA NO ESPAÇO ESCOLAR: PRÁTICAS DE AUTOCONHECIMENTO COM CRIANÇAS E PESSOAS ADULTAS E OS PROCESSOS DE AUTO-ECO-CO-TRANS-FORMAÇÃO

Fernanda Silva do Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4932228017>

**CAPÍTULO 8..... 68**

A INFLUÊNCIA DA ATIVIDADE FÍSICA NA APRENDIZAGEM DO EQUILÍBRIO CORPORAL DE ADOLESCENTES COM PARALISIA CEREBRAL PARTICIPANTES DO PROGRAMA DE ATIVIDADES MOTORAS PARA DEFICIENTES

Jefferson Raimundo de Almeida Lima

Augusto Carvalho de Souza

Minerva Leopoldina de Castro Amorim

Kathya Augusta Thomé Lopes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4932228018>

**CAPÍTULO 9..... 81**

COMPORTAMENTO SOCIAL VIRTUAL EM CURSOS DE EXTENSÃO: A COOPERAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA DAS MULHERES

Marzely Gorges Farias

Zelindro Ismael Farias

Cleia Demétrio Pereira

Martha Inés Moreno Mendel

Soeli Francisca Mazzini Monte Blanco

Fábio Manoel Caliarí

Luciana Kornatzki

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4932228019>

**CAPÍTULO 10..... 93**

A “MÃEZONA” DE TODOS: A PRÁTICA DISCURSIVA SOBRE DONA NILZA DE OLIVEIRA PIPINO NA GLEBA CELESTE, NA DÉCADA DE 1970

Cristinne Leus Tomé

Leandro José do Nascimento

Milton Mauad de Carvalho Camera Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49322280110>


**CAPÍTULO 11..... 105**

INTERSECÇÃO ENTRE PROCESSO EDUCACIONAL E O TRABALHO EM SAÚDE: VIVÊNCIAS EM METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO MESTRADO PROFISSIONAL

Adriana Barbieri Feliciano

Aline Guerra Aquilante


Daniele Perez Gomes  
Helen da Costa Toledo Piza  
José Sérgio Traldi Junior  
Rosana Maria Menzani

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49322280111>

**CAPÍTULO 12..... 115**

A METODOLOGIA DE DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIA APLICADAS AOS CURSOS DE ASSISTENTE ADMINISTRATIVO E RECEPCIONISTA

Marley de Carvalho Lima Soares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49322280112>

**CAPÍTULO 13..... 126**

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR ATRAVÉS DA ABORDAGEM SAÚDE RENOVADA: EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Rosana Cabral Pinheiro

Ágna Retyelly Sampaio de Souza

Anderson dos Santos Oliveira

André Luis do Nascimento Mont' Alverne

Camilla Ytala Pinheiro Fernandes

Dyandra Fernanda Lima de Oliveira

Thamires Santos do Vale

José Edson Ferreira da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49322280113>


**CAPÍTULO 14..... 138**

CONSTRUINDO COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NA 4ª REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Olívia Cristina Vituli Chicolami

Rosana Helena Nunes

Nirlei Santos de Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49322280114>


**CAPÍTULO 15..... 150**

O CURRÍCULO E AS TECNOLOGIAS: A INSERÇÃO SOCIAL DO ESTUDANTE NA CONTEMPORANEIDADE

Juliana Mezomo Cantarelli

Michele Moraes Lopes

Lucinara Bastiani Correa


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49322280115>

**CAPÍTULO 16..... 160**

RIO BONITO: A INTEGRAÇÃO DAS TECNOLOGIAS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Mário Eduardo Coutinho de Oliveira

Sônia Regina Mendes dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49322280116>

**CAPÍTULO 17..... 166**

**APLICATIVOS UTILIZADOS NA AULA REMOTA NO ENSINO DA FILOSOFIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NUMA IES EM SÃO LUÍS - MA**


Isabel Cristina Costa Freire  
Maria Tereza Silva de Medeiros  
Rosilene da Conceição Rodrigues Moreira  
Gabriella Sousa da Silva Barbosa  
Kiema Victória Padilha Taty  
Isabella Fernanda Ferreira Pereira  
Miria de Fátima Araújo Martins  
Cristiane Alvares Costa  
Francisco Batista Freire Filho  
João Batista Bottentuit Júnior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49322280117>

**CAPÍTULO 18..... 181**

**A CONTRIBUIÇÃO DE ANTÔNIO JOAQUIM SEVERINO PARA A ÉTICA NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR**


Ananda Samanta Melo da Paixão  
Raimunda Lucena Melo Soares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49322280118>

**CAPÍTULO 19..... 190**

**HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL/INCLUSIVA NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ**


Alice Marques Assunção  
Railma Santiago Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49322280119>

**CAPÍTULO 20..... 198**

**A PESQUISA NOS/DOS/COM/ OS COTIDIANOS DAS ESCOLAS SOBRE O APRENDIZADO DA LÍNGUA INGLESA**


Cláudia Botelho Silva  
Inês Barbosa de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49322280120>

**CAPÍTULO 21..... 202**

**APONTAMENTOS SOBRE AS POLÍTICAS DO ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL**


Sergio Luiz de Souza Vieira  
Ubiratan Silva Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49322280121>

**CAPÍTULO 22..... 216**

**INTEGRANDO CONCEPTOS FÍSICOS, QUÍMICOS Y BIOLÓGICOS eN LA POTABILIZACIÓN DE AGUA de CAÑADA**

Gabriela Rodríguez Giordano  
Sonia Rodríguez Giordano

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49322280122>

**CAPÍTULO 23.....227**


OFICINAS DE SABONETES ARTESANAIS E SAIS DE BANHO EM ESCOLAS PÚBLICAS

Hellen Carolina Nunes Queiróz

Gabriela Carolina Milanezzi

Maria Isabel de Oliveira

Andreia Pereira Matos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49322280123>

**SOBRE O ORGANIZADOR.....237**

**ÍNDICE REMISSIVO.....238**

# CAPÍTULO 10

## A “MÃEZONA” DE TODOS: A PRÁTICA DISCURSIVA SOBRE DONA NILZA DE OLIVEIRA PIPINO NA GLEBA CELESTE, NA DÉCADA DE 1970

Data de aceite: 10/01/2022

Data de submissão: 08/10/2021

### **Cristinne Leus Tomé**

Universidade do Estado de Mato Grosso –  
Programa de Pós-Graduação em Letras  
Sinop/MT  
<http://lattes.cnpq.br/5252249925535846>

### **Leandro José do Nascimento**

Universidade Federal de Mato Grosso –  
Programa de Pós-Graduação em Estudos de  
Linguagem  
Cuiabá/MT  
<http://lattes.cnpq.br/3460877534297270>

### **Milton Mauad de Carvalho Camera Filho**

Escola Técnica Estadual de Educação  
Profissional e Tecnológica de Sinop – Seciteci/  
MT  
Sinop/MT  
<http://lattes.cnpq.br/5915413178900191>

Texto originalmente apresentado na 25ª edição do Semiedu – Educação, Diversidades Culturais, Sujeitos e Saberes, de 2017, em Cuiabá. Para compor esta obra, o trabalho sofreu atualizações.

**RESUMO:** Este artigo discute a prática discursiva construída sobre o lugar e o papel da mulher no contexto da ocupação da Amazônia norte mato-grossense. Para tanto, buscou-se compreender os efeitos de sentidos produzidos em torno de Nilza de Oliveira Pipino, que, ao lado de seu

esposo, Enio Pipino, dirigiu a Colonizadora SINOP S.A, empresa responsável pela abertura e implantação do projeto colonizador, em Mato Grosso. O *corpus* de análise é constituído por uma reportagem jornalística veiculada em 1975, na qual se destacava o empreendimento recém-criado pelo grupo empresarial e o cotidiano da localidade. Observou-se que os sentidos em torno da figura de “dona Nilza”, como era chamada, foram estabelecidos pelos enunciados que materializaram o discurso da comunidade-família. A fundamentação teórica utilizada foi a Análise de Discurso Francesa (AD) com um quadro epistemológico que se centra na noção de espaço discursivo e prática discursiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Prática Discursiva; Amazônia mato-grossense; Mulher; Nilza de Oliveira Pipino; Gleba Celeste.

### THE “BIG MAMA” OF ALL: THE DISCURSIVE PRACTICE ON DONA NILZA DE OLIVEIRA PIPINO IN GLEBA CELESTE, IN THE 1970S

**ABSTRACT:** This article discusses the discursive practice built on the place and role of women in the context of the occupation of the southern Amazonia in Mato Grosso state. Therefore, we sought to understand the effects of meanings produced around Nilza de Oliveira Pipino, who, alongside her husband, Enio Pipino, directed the Colonizadora SINOP SA, the company responsible for opening and implementing the colonizing project in Mato Grosso. The corpus of analysis consists of a journalistic report published in 1975, in which the newly created by enterprise

by the business group and the daily life of the locality were highlighted. It was observed that the meanings surrounding the figure of “Dona Nilza”, as she was called, were established by the statements that materialized the discourse of the community-family. The theoretical foundation used was the French Discourse Analysis (DA) with an epistemological framework that focuses on the notion of discursive space and discursive practice.

**KEYWORDS:** Discursive Practice; Southern Amazonia; Woman; Nilza de Oliveira Pipino; Gleba Celeste.

## 1 | INTRODUÇÃO

A prática discursiva sobre a mulher no processo colonizatório da Gleba Celeste, especialmente na década de 70, em Mato Grosso, ocupa um papel de destaque nas investigações que buscam compreender a produção e o estabelecimento de sentidos sobre e em torno desse sujeito. No seio dessa discussão põe-se em destaque que, nas práticas discursivas sobre a família capitaneadas pelo colonizador Enio Pipino e sua esposa Nilza de Oliveira Pipino, a mulher aparece como elemento fundamental para a manutenção da instituição família, tomada como sagrada na ocupação da Amazônia mato-grossense.

A partir da imagem construída acerca da empresária Nilza e os discursos que a ela fazem referência, este artigo investiga a produção de sentidos sobre a mãe, a mulher, a dona Nilza, no contexto da formação inicial da Gleba Celeste. Buscou-se, dessa maneira, compreender como os sentidos sobre a mulher se estabeleceram e se tornaram um discurso particular do papel feminino como, por exemplo, manter a união familiar no que se chamava comunidade-família.

Durante a década de 1970, foi uma constante no Brasil a prática de empresas privadas de colonização atuarem nas regiões Norte e Centro-Oeste como promotoras da política do governo militar de ocupação de áreas não habitadas ou exploradas economicamente, quando, à época, o slogan “integrar para não entregar” pautava a direção e atos governamentais. A Colonizadora SINOP S.A., de propriedade de Enio Pipino (1917-1995) e João Pedro Moreira de Carvalho (1910-1995), foi uma das empresas responsáveis pela ocupação e desenvolvimento das terras no centro do Estado de Mato Grosso, na Gleba Celeste, conforme matéria no Jornal O Estado do Paraná de 1975:

Com mais de 25 anos de existência e larga experiência de atividades no Noroeste paranaense, a Colonizadora Sinop, depois de fundar cerca de duas dezenas de cidades, atendeu ao apelo do Governo Federal, incorporando-se na luta pelo povoamento da Amazônia e do Centro-Oeste do País. Foi assim que veio a adquirir de particulares uma área de 150 mil alqueires de terras, no Estado de Mato Grosso, no Eixo Viário Cuiabá-Santarém, dando-lhe a denominação de gleba Celeste. (BRUNETTI, 1975, p. 08).

Famílias se deslocaram de suas cidades de origem incentivadas com a possibilidade de novos investimentos e trabalhos nestes novos locais. A mulher, esposa, mãe, filha, veio junto neste processo migratório, em que o local de colonização se autodesignava como uma

grande família. A forma como estes migrantes conceberam sentidos sobre o que é família se destaca na maneira como viviam e se relacionavam. Presente nas relações sociais da época, a noção de família é destacada na matéria do jornal: “A terra, as instituições e o homem - instrumentos essenciais ao processo de desenvolvimento nacional promoveram a formação de verdadeira comunidade-família, que tem como condutores Nilza e Enio Pipino.” (BRUNETTI, 1975, p. 08).

O *corpus* de análise foi constituído por uma reportagem jornalística da época (O Estado do Paraná). Esses discursos apresentados pela/na mídia constituem um emaranhado de discursos que, de acordo com Navarro (2006, p. 75), “se inserem em meio a outros tantos já ditos e vão formando uma rede interdiscursiva, constituída de retomadas, de réplicas ou deslocamentos de elementos discursivos inseridos em uma formação discursiva.” Assim, a mídia também representa um espaço constitutivo de sentido, a partir dos discursos por ela produzidos, fazendo-se atuante na construção histórica de uma sociedade.

A mídia em questão, segundo Pitombo-Oliveira (et al. 2013, p. 04), “se apresenta com a possibilidade de registro de sentidos variados na temporalidade histórica, significando a sociedade.” Nessa mesma direção, Schwaab (2007, p. 14) afirma que “ao fazer circular a informação, o Jornalismo atua como um dos sistemas promotores da reflexividade na sociedade”, funcionando como o que se poderia ser associado a “lugar de seleção e de construção desse acervo de conhecimentos e lugar de circulação de sentidos, a partir das escolhas do que é dito e do que é silenciado, de quem participa ativamente na definição deste conhecimento e de quem não está presente.” (SCHWAAB, 2007. p. 14).

Neste sentido, acrescenta Nascimento (2018, p. 114), a atividade jornalística exerce “um papel importante no cotidiano social, pois, além de se configurar como uma fonte de informação ao ambiente onde estamos inseridos, também possibilita o registro de diferentes aspectos do mundo social.” Da mesma forma, salienta o autor, “possui a capacidade de operar na construção de realidades na sociedade mediante o emprego de discursos (re)criados e (re)produzidos e, assim, mobilizar uma rede de sentidos a partir do inter-relacionamento entre a língua, o sujeito e a história.” (NASCIMENTO, 2018, p. 114).

A fundamentação teórica utilizada é embasada na Análise de Discurso (AD) com as noções de história (ORLANDI, 2008), sentido, prática discursiva e espaço discursivo (MAINGUENEAU, 1993). Inicialmente, este artigo explora o “O Espaço Discursivo: a Gleba Celeste nos anos 70”, no qual se apresenta o contexto da implantação do Projeto Gleba Celeste sob o olhar da expansão colonizatória ocorrida no Brasil e a construção discursiva deste espaço. A seguir, com o tópico “A mamãe Nilza: a mãe da comunidade-família na Gleba Celeste”, faz-se um estudo das práticas circulantes na Gleba. As noções de prática discursiva, discurso, sujeito e sentidos são tecidas na análise do espaço institucional, representado pela Colonizadora, na constituição de um discurso representativo sobre a mulher migrante.



## 21 O ESPAÇO DISCURSIVO: A GLEBA CELESTE NOS ANOS 70

Durante a presidência do general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) foi anunciado o I Plano Nacional de Desenvolvimento (I PND – 1972-1974). Elaborado pelos ministros João Paulo dos Reis Velloso, Ministro de Estado do Planejamento Coordenação Geral, e Delfim Neto, Ministro da Fazenda, o projeto consistia em promover o crescimento do Brasil, colocando-o no mesmo nível que as grandes potências mundiais. O PND compunha um conjunto de projetos político-econômicos dos governos brasileiros que foram executados com o propósito de colonização, de maneira ordenada, de grandes espaços públicos e, naquele momento, sem exploração econômica do local.

A colonização dirigida em Mato Grosso foi impulsionada por meio de iniciativas da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), criada pela lei federal número 5.173/66, e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e, também, por meio de políticas de apoio à iniciativa privada. Segundo Camera-Filho (2020, p. 39), entre 1970 e 1990, as mais de cinquenta cidades foram ‘criadas’ no Estado de Mato Grosso “[...] demonstraram o funcionamento do mecanismo fundamental da ocupação estatal da Amazônia: o Estado dava suporte material para a exploração privada das terras amazônicas, enquanto as empresas lucravam sobre a comercialização dessas terras.” O Estado estabelecia como regra que os migrantes adquirissem suas terras em Mato Grosso antes da partida de suas regiões de origem, o que evitava a debandada após a chegada ao destino e garantia o lucro das colonizadoras.

Articulado ao discurso de esperança, o movimento migratório e de colonização tomou grandes proporções, incentivando a migração interna no país e, neste contexto, favorecendo o surgimento da Gleba Celeste. A maior parte dos migrantes que chegou até a Gleba Celeste, descreve Nascimento (2018, p. 73), “originava-se do sul do Brasil, predominantemente do Paraná e Rio Grande do Sul, onde a empresa privada realizara sua maciça campanha publicitária sobre o novo empreendimento imobiliário.” A atração dos migrantes para essa região se fez também por meio da mídia, da propaganda, especialmente aquela realizada nas cidades da região Sul do Brasil, onde a empresa também atuava anteriormente à chegada ao estado de Mato Grosso. Nascimento e Zolinesz (2020, p. 84-85) pontuam que as mídias, ao imbricarem forma e conteúdo distintos, tornaram central “o acontecimento da colonização e a instituição de projetos de ocupação das áreas” por meio de práticas discursivas, a exemplo daquelas idealizadas por empresas, pelo Estado, a própria imprensa.

Famílias inteiras deslocaram-se à Gleba Celeste para ali viver e trabalhar. O crescimento populacional é destacado na matéria denominada “Em 2 anos, mais de 3.500 pessoas”, em que a posição da empresa de colonização defende a tese de que ali se criou uma sociedade pacífica e conquistadora (de terras), dentro das convicções democráticas:

Na sua fala o sr. Enio Pepino disse “que em pouco mais de 2 anos efetivo

de trabalho já temos da Gleba Celeste mais de 3.500 pessoas que aderem sua crença aquela que temos sobre as maravilhas destas terras. Despojadas dos mitos do medo, a iniciativa particular – na qual acreditamos com a força das nossas convicções democráticas – ergue na simbologia inaugural desta Cidade SINOP, a formidável certeza de que nossa gente está dando nestas plagas, a maior demonstração de sua história conquistando, pacificamente, as bases do novo e imenso país”. (O JORNAL, 1974, p. 4).

Durante a chegada dos migrantes e seus estabelecimentos como moradores, uma série de práticas discursivas se constituiu e se difundiu criando uma tradição de sentidos que influenciaram novos acontecimentos. E, nesta perspectiva, ao se tratar desta história em particular, que se refere à fundação do projeto colonizatório, verificam-se nela as relações de poder construídas a partir do discurso que se materializa na prática discursivo-jornalística. A prática discursiva que condicionou os sentidos para ‘mulher’ durante o processo colonizatório tem como contexto polifônico e dialético um espaço discursivo marcante, a Gleba Celeste.

Nesse sentido, embora discurso sobre a mulher em área de colonização se constitui em um novo discurso, ele não marca uma ruptura com o discurso sobre a mulher em seu local de origem: os sentidos mobilizados sobre a mulher já eram preconcebidos, sendo ressignificados ao novo local. No espaço empírico da Gleba Celeste, em que indivíduos de diversas localidades para ali convergiam, permitiram que se constituísse uma atualização aos outros discursos, como o discurso institucional, da Colonizadora. A imagem que a mulher faz de si e dos outros passa a ser ressignificada a partir do lugar social (empírico) a ela atribuído. Como aponta Grigoletto (2005, p. 5), “o sujeito sempre fala de um determinado lugar social, o qual é afetado por diferentes relações de poder, e isso é constitutivo do seu discurso. Então, é pela prática discursiva que se estabiliza um determinado lugar social/empírico.”

O espaço discursivo (MAINGUENEAU, 1993) é um espaço que se encontra no interior de um discurso, e o sujeito, afetado pelas relações de poder, será assujeitado ao seu discurso e com o qual se identifica. O discurso do sujeito se determina pelo lugar discursivo e é na prática que se estabilizam os sentidos constituídos. Assim, a mulher migrante é atravessada por discursos que circulam na ordem da instituição Colonizadora, da política brasileira de ocupação territorial, do discurso da comunidade-família, do discurso religioso instrucional que vão legitimar o seu lugar social de mulher. Para Grigoletto (2005, p. 7):

ao passar do espaço empírico para o espaço discursivo, o sujeito é afetado pelo inconsciente, tendo a ilusão, muitas vezes, de que é possível produzir um apagamento do seu lugar social. Mas tal apagamento é somente um efeito, um simulacro, já que a sua inscrição num determinado lugar discursivo implica sempre uma determinação do lugar social. Ou seja, sempre haverá uma determinação ideológica.

O sujeito discursivo, que traz em si marcas do social, ideológico e histórico, tem sempre a ilusão de ser a fonte de seu dizer, a fonte de seu sentido (PÊCHEUX, 2014). Para

Mainqueneau (1993, p. 120-121), o sentido só se produz na identificação do sujeito a um discurso inscrito em determinadas condições históricas e ideológicas, determinando ao que se deve ou não se deve falar: “[...] é um mal-entendido sistemático e constitutivo do espaço discursivo. Mas esta interincompreensão [...] possui uma vertente positiva: se ela proíbe que um mesmo sentido circule de um sujeito para o outro, ela também possibilita que os sujeitos partilhem o mesmo discurso, ‘falem da mesma coisa’.”

A história para o analista discursivo não é a busca por um ponto originário ou uma sequência de datas cronológicas, mais precisamente suas relações com as condições de produção de dado discurso. Conforme Orlandi (2008, p. 42), “[...] não é o tempo cronológico que organiza a história [...]. Assim, a relação da Análise do Discurso com o texto não é de extrair o sentido, mas de apreender a sua historicidade, o que significa se colocar no interior de uma relação de confronto de sentidos.” Dessa maneira, encarando o contexto da ocupação da Amazônica como uma historicidade na qual se confrontam os sentidos, buscamos analisar a prática discursiva que se instituiu sobre a mulher-mãe-dona-Nilza a partir do discurso jornalístico-midiático.

### **3 | A MAMÃE NILZA: A MÃE DA COMUNIDADE-FAMÍLIA NA GLEBA CELESTE**

A prática discursiva construída durante os anos 70 na Gleba Celeste sobre a mulher no espaço de colonização no interior do Mato Grosso teve como principal fomentador a Colonizadora SINOP e, em alguns desses discursos, fazia-se alusão à figura de Nilza de Oliveira Pipino, esposa do colonizador Enio de Oliveira Pipino, destacando seu papel naquele projeto de colonização. De acordo com o Grupo SINOP (2013), Nilza nasceu em Santa Maria Madalena, Estado do Rio de Janeiro, no ano de 1920, e foi a primeira esposa do colonizador Enio Pipino. Ao lado do marido, e também do sócio João Pedro Moreira de Carvalho, Nilza acompanhou as ações da Colonizadora no processo de implantar várias cidades pelo Brasil. Inicialmente, no Paraná como Terra Rica (1949), Iporã (1951), Ubiratã (1956), Formosa do Oeste (1958), Jesuítas (1958) e, a partir de 1971, em Mato Grosso, nas cidades de Vera (1972), Sinop (1974), Santa Carmem (1974) e Cláudia (1978).

Era sob a responsabilidade de Nilza de Oliveira Pipino que estava a organização financeira do Grupo Sinop. A atuação, ao estilo ‘mão-de-ferro’, fazia parte do perfil da empresária, como se verifica em trecho de reportagem veiculada na revista institucional da Colonizadora, em razão dos 65 anos de atividade:

Ganha o páreo também quem disser que as conquistas da dupla seriam muito mais árduas sem a ajuda de uma mulher: Nilza de Oliveira Pipino. A esposa do “seu” Enio – como ele era chamado pela maioria, inclusive por dona Nilza durante o horário de expediente – era quem ajustava os ponteiros e consertava os problemas nos negócios. Era ela a responsável pelos pagamentos daquilo que Enio Pipino comprava. E controlava tudo com mão de ferro. Como recompensa, em toda cidade ou distrito onde há presença do Grupo Sinop, está o nome Nilza Pipino também. O sucesso empresarial foi

tanto que ganharam reconhecimento presidencial. (GRUPO SINOP, 2013, p. 42-43).

Nas cidades que ajudou a fundar o reconhecimento à Nilza de Oliveira Pipino deu-se na forma de homenagens, nominando prédios, repartições, entre outros espaços. Segundo o Grupo Sinop (2013, p. 44), “não existe um lugar colonizado por Enio Pipino e João Pedro Moreira de Carvalho em que o nome Nilza de Oliveira Pipino não esteja presente e eternizado em escolas, ruas e praças.” Ainda conforme a publicação, “no distrito de Nilza, em Iporã, há um busto em homenagem à dona Nilza.” Em Sinop, por exemplo, a primeira escola construída carrega o nome da empresária, a ‘Escola Nilza de Oliveira Pipino’, constituída, conforme explica Rohden (2012, p. 21), “por um movimento de criação, pelas astúcias e artes de fazer dos primeiros migrantes que, ao se depararem com a ausência da educação no novo local que residiriam com suas famílias, se uniram e se organizaram para ‘fazer’ a escola.”

Nilza, explicava a reportagem na revista do Grupo Sinop (2013, p. 44), “embora não tenha tido nenhum filho, em casa era conhecida como a ‘mãezona’ de todos.” Essa referência, no entanto, ultrapassava os limites da residência dos Pipino, encontrando ecos também no projeto da Gleba Celeste. Ela, mãe, e o marido, pai, tornavam-se enunciados alusivos ao casal dirigente da Colonizadora Sinop, que na falta de filhos próprios, tiveram como filhos todos as crianças que ali chegaram. Dessa maneira, a produção de enunciados não se separa da realização material do discurso, pois, conforme Maingueneau (2008, p. 135), “não há, inicialmente, uma instituição, depois uma massa documental, enunciadores, ritos genéticos, uma enunciação, uma difusão e, por fim, um consumo, mas uma mesma rede que rege semanticamente essas diversas instâncias.”

A Colonizadora, ao exercer uma prática discursiva significa que ela está seguindo determinadas regras, dadas historicamente, consideradas verdades em seu tempo. Como, por exemplo, citam-se as campanhas publicitárias desenvolvidas pelo grupo, com o propósito de incentivar a atração de pessoas àquele novo empreendimento. E era em espaços como o da mídia onde aquela nova terra aparecia, muitas vezes como parte de campanhas publicitárias realizadas pelas empresas privadas com o viés de atração. Tomé e Korpalski (2012, p. 03) descrevem que “no processo de convencer os colonos a migrarem para outras regiões, o estado e empresas colonizadoras privadas fizeram manifestações favoráveis à migração [...] realizavam reuniões e assembleias, expondo as possibilidades de adquirirem sua própria terra.” Tornou-se pública a informação “através do rádio e da televisão a existência de terras em abundância na Amazônia.”

É neste contexto que as primeiras famílias começaram a chegar em 1972. O primeiro discurso que se constituiu sobre a mulher na Gleba Celeste começou pela figura do casal Enio Pipino e Nilza de Oliveira Pipino. No recorte abaixo da matéria do jornal O Estado do Paraná, durante a visita do governador Garcia Neto, em 1975, a autoridade política apropriou-se do discurso da comunidade-família, fixando enunciados sobre a mamãe-

querida-amada pelos filhos (todos):

MAMÃE NILZA O governador Garcia Neto, não contendo seu entusiasmo com o que viu (pela primeira vez em seu próprio Estado), lembrou que, embora o casal Pipino não tivesse filhos, dona Nilza era a mãe mais querida, pois de cada uma das crianças que ali viviam, recebia o afeto carinhoso que só um filho pode dar à mãe que ama. “Mamãe Nilza e papai Enio são os chefes da mais unida família que conheço” - frisou. (BRUNETTI, 1975, p. 08).

A ideia de pertença, de união, de identificação familiar foi construída desde o início pela Colonizadora: colonizadores e migrantes se discursavam como pertencentes a uma mesma família. “Mamãe Nilza e papai Enio são os chefes da mais unida família que conheço” na fala do governador mato-grossense se institui o discurso da “família” formada por todos aqueles que chegavam à Gleba Celeste.

A figura do Pai-Enio era, na representação adâmica, o chefe da comunidade-família, o pai-provedor. Segundo Souza (2004, p. 136, grifo do autor), o “paternalismo também esteve presente na figura do empresário colonizador, com sua ‘bondade’ em relação aos incentivos oferecidos aos que chegavam a Sinop.” A inscrição da figura materna da Mãe-Nilza e a figura paterna do Pai-Enio foi uma tentativa de se produzir um elo subjetivo entre tantas famílias de diferentes lugares, origens e situações; em meio à incompatibilidade, fez-se necessário introduzir uma característica que conciliasse todos os que ali viviam. Estabeleceu-se uma identidade característica entre as famílias: proveniente do discurso de que eram todos uma só família de pai e mãe. Neste espectro, é na família que, como pontua Althusser (1985, p. 103), “[...] o antigo futuro-sujeito deve «encontrar» o «seu» lugar, isto é, «tornar-se» o sujeito [...], com posições bem definidas.

Neste outro recorte, que relaciona o governador Garcia Neto e as missionárias do Santo Nome de Maria, ordem religiosa que se instalou na Gleba Celeste ainda no início de sua fundação, o efeito de realidade irrefutável de uma comunidade-família também está presente a partir da figura da mãe Nilza:

Ao seu lado [do governador Garcia Neto], uma das irmãs missionárias do Santo Nome de Maria interpreta a verdade das palavras do governador e “os filhos de dona Nilza” cantam para ela, demonstrando a felicidade de viverem numa comunidade em que o amor e o respeito jamais dão lugar aos desajustes. (BRUNETTI, 1975, p. 08).

O sujeito discursivo inserido nesta formação social se identifica com a formação ideológica representada por uma formação discursiva, e enuncia de determinada maneira em dado momento histórico e não outro (PÊCHEUX, 1997). O sujeito fala do lugar social que ocupa e expressa em sua fala um conjunto de outras vozes representantes da realidade social. Nesta conjuntura, tem-se a relação entre o sujeito e o discurso como co-participativa, tal qual descreve Moita Lopes (2002, p. 30): “Os participantes discursivos constroem o significado ao se envolverem e ao envolverem outros no discurso em circunstâncias culturais, históricas e institucionais particulares.”

A prática discursiva institucional durante a colonização direcionou enunciados de “amor” e “felicidade” promovendo em uníssono o sentido de comunidade-família dentre as relações sociais. O discurso da comunidade-família harmoniosa existente nos primeiros anos de colonização circulou também dentre as famílias pioneiras urbanas. Santos (2007, p. 59), ao descrever a história dos primeiros sujeitos migrantes que para Sinop se mudaram, cita o caso do empresário Lindolfo José Trierweiller, que abriu a primeira serralha em Sinop no ano de 1972: “As dificuldades eram imensas, porém o espírito de cooperação e amizade que marcou a vida das primeiras famílias vindas para Sinop, onde tudo estava por fazer e não havia conforto nenhum, compensava o sacrifício.”

Coube ao discurso empresarial formatar a história de progresso e de conquistas, colocando à margem e silenciando as histórias que confrontavam o sentido predominantemente desenvolvimentista. Em relação a Sinop, descreve Arruda (1997, p. 96),

Nos registros históricos oferecidos pela Colonizadora, o que prevalece é o relato do progresso e a história daqueles pioneiros que conseguiram acumular capitais, ou seja, os bem-sucedidos. Identificar aqueles que fracassaram em seus sonhos e não conseguiram a projeção social dentro da sociedade que se constituía, não é fácil dentro desse contexto histórico preestabelecido. A história da cidade deveria ser uma história de progresso e conquistas, não existindo espaço para os derrotados. E, mais uma vez esses cidadãos são excluídos da cidade; da sua história.

O jornalista Brunetti, que fala do lugar da Colonizadora, reproduz o discurso pacífico de “amor e respeito sem lugar aos desajustes”, ressaltando o cotidiano de “felicidade” que impera no lugar, na busca por controlar e administrar os sentidos positivos sobre o que era morar ali. Na década de 70, a grande maioria de moradores da Gleba Celeste não tinha acesso às notícias sobre o mundo, o país, ou mesmo às notícias locais, fossem elas em jornal impresso (o jornal O Sinopeano era impresso em Curitiba e entrou em circulação somente em 1979) ou por meio de rádio ou televisão, que foram possíveis somente na década seguinte. Tal perspectiva é importante de ser considerada uma vez que o espaço da mídia com matérias institucionais patrocinadas pela Colonizadora representa o espaço discursivo posto. Os sentidos sobre “amor”, “desavenças” serão repetidos, rompidos ou transformados no discurso da comunidade-família, tecidos no jogo permanente da trama discursiva.

No contexto da fundação da Gleba Celeste, com ênfase no núcleo de Sinop, expõem Nascimento e Zolin-vesz (2020, p. 92), “O Sinopeano também serviu aos interesses da Colonizadora Sinop, assumindo a missão de tornar conhecidas as ações realizadas dentro da área de ocupação e o que naquele projeto” e que se realizavam com vistas à atração do migrante e os investimentos econômicos realizados. A publicação jornalística era a voz da empresa nos anos da pós-fundação da Gleba Celeste e que atuava na cobertura de líderes de governo que visitavam a área criada pela empresa de colonização, operando, como

elencam Nascimento e Zolin-vesz (2020, p. 93), “em prol da construção de um imaginário de Sinop condizente à imagem que atendia aos interesses do grupo empresarial.”

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso da família-comunidade construído em torno de Nilza de Oliveira Pipino teve uma de suas primeiras marcas a matéria publicada no jornal O Estado do Paraná de 1975 e rapidamente foi aceito como um discurso de todos. A capacidade deste discurso de construir um novo sujeito unificado foi possível a partir de algumas condições essenciais, como:

(1) Os fragmentos de jornais acima são exemplos privilegiados da forma como a prática discursiva sobre a empresária Nilza de Oliveira Pipino foi construída pelo discurso político-econômico do colonizador e do migrante que buscavam mais terras para comprar e pelos enunciados que materializaram a comunidade-família. A proximidade da posição da Colonizadora e das mulheres em relação à identificação com a comunidade-família como uma política agregadora continuou presente ainda na década de 80.

(2) A ‘família’ deveria permanecer unida e ajudar-se mutuamente, evitando que algum migrante fracassasse. E essa família que se encontrava no cerne dos processos de ocupação territorial e migração para o Centro-Oeste contavam, na Gleba Celeste, com a figura de Nilza como um modelo propositivo da instituição familiar. Mesmo diante da impossibilidade de ter filhos biológicos, Nilza era a ‘mãe’ acolhedora e afetiva a todas as crianças.

Todo o projeto econômico da colonizadora precisava da presença da instituição família para exercer autoridade diante de seus agregados. Ou seja, foi essa intersecção entre família, no caso a de Nilza, e o projeto econômico que possibilitou a existência de sentidos controlados por delimitações específicas que lhe é necessária. Somente assim que os sujeitos agregados dessa família poderiam encontrar um lugar no discurso, passar a existir enquanto parte de tal projeto e família. Delimitaram-se os sentidos de que tipo de sujeito era adequado à família, bem como ao projeto de colonização. Dessa forma, a impossibilidade de serem outros sujeitos silenciou os conflitos inerentes ao discurso, estabilizando os sentidos de ser família, de ser comunidade, de ser sinopense.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

ARRUDA, Zuleika Alves. **Sinop**: território(s) de múltiplas e incompletas reflexões. Dissertação de Mestrado – UFP/Recife-PE, 1997.

BRUNETTI, Antonio. Paranaenses aceitam o desafio para a ocupação da Amazônia. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 15 maio 1975. Especial, p. 8.

CAMERA-FILHO, M. M. C. **Entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer**: o discurso estatal capitalista sobre ocupação e desenvolvimento da Amazônia nos Governos Médici e Lula. 2020. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, Mato Grosso, 2020.

COLONIZADORA SINOP S.A. **Revista Grupo Sinop**. Edição 04, 2013. Disponível em: <https://issuu.com/colonizadorasinop/docs/01234-colonizadora-22-issu-portugue>. Acesso em: 02 out. 2021.

GRIGOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. *In*: Seminário de Estudos em Análise do Discurso, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigoletto.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1993.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

NASCIMENTO, Leandro José do; TOMÉ, Cristinne Leus. A construção da imagem do sinopense como um sujeito de progresso nas páginas de “O Sinopeano” número 15, de 1980. *In*: XIV Colóquio Nacional de Estudos Linguísticos e Literários, 2016, Sinop. **Anais [...]**. Sinop. Disponível em: [https://www.conaell.com.br/fotos\\_downloads/39.pdf](https://www.conaell.com.br/fotos_downloads/39.pdf). Acesso em: 02 out. 2021.

NASCIMENTO, Leandro José do. **(Re)ler o impresso Jornal Hoje**: o discurso da construção de uma terra de progresso e oportunidade em Sinop-Mato Grosso. 2018. 254 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, Mato Grosso, 2018.

NASCIMENTO, Leandro José do; ZOLIN-VESZ, Fernando. Marcha rumo à Amazônia: a relação criador/criatura no discurso de fundação da Gleba Celeste, em Mato Grosso. **Organon**, Porto Alegre, v. 35, n. 70, p. 1-17, 2020.

O JORNAL. Maringá, 22 de setembro de 1974.

ORLANDI, Eni. **Terra à Vista! Discurso do Confronto**: velho e novo mundo. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. A forma do sujeito do discurso. *In*: PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2014. p. 145-168.



NAVARRO, P. O pesquisador da mídia: entre “aventura do discurso” e os desafios do dispositivo de interpretação da AD. In: NAVARRO, P. (org.). **Estudos do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006.

SANTOS, L. E. Ferreira. **Raízes da História de Sinop**. Sinop: Grafitec, 2007.

SCHWAAB, R.T. Para ler de perto o jornalismo: uma abordagem por meio de dispositivos da análise do discurso. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 11-23, jan-jun 2007.

SOUZA, Edison Antônio de. **Sinop – História, Imagens e Relatos**: um estudo sobre a sua colonização. Cuiabá: EdUFMT, 2004.

TOMÉ, Cristine Leus; Korpalski, Margarida. O discurso formador na construção de imaginários da cidade de Terra Nova do Norte – MT e sua relação com o processo migratório do sul do Brasil em direção à Amazônia Legal. **Revista Eventos Pedagógicos**, v.3, n.1, p. 118-129, abr. 2012. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/607>. Acesso em: 28 set. 2021.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abordagem saúde renovada 126, 127, 129, 130  
Alfabetização 2, 19, 20, 26, 27, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 151, 194, 237  
Amazônia mato-grossense 93, 94  
Aplicativos 166, 167, 168, 169, 171, 174, 177, 178  
Aprendizagem significativa 105, 107, 110, 114, 120, 144  
Atividade de aprendizagem 115, 118, 119, 120, 121, 122, 123  
Atividade física adaptada 69, 71, 79  
Atividades estabilizadoras 68, 69, 71, 76  
Atividades funcionais 68, 69, 71, 78  
Autoconhecimento 59, 61, 63, 64, 65, 66, 131

### B

Bioantropoética 59, 61, 63, 65, 66, 67

### C

Cametá 38, 40, 45, 190, 191, 193, 194, 195, 196  
Cidadania das mulheres 81, 82, 89  
Competência socioemocional 138  
Comportamento social virtual 81, 82, 86, 88, 91  
Conjuntura 12, 100, 194, 213  
Currículo 2, 38, 39, 40, 41, 44, 127, 135, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 164, 170, 189, 208, 210, 212, 215

### D

Decantação 216  
Diálogo 1, 5, 12, 14, 15, 41, 61, 65, 83, 86, 108, 112, 142, 147, 167, 169, 172, 174, 184, 185, 188, 211, 212, 213, 214, 220  
Direitos humanos das mulheres 82, 83, 87, 91  
Discente 2, 14, 29, 117, 119, 120, 122, 123, 124, 210, 211  
Docente 14, 18, 29, 30, 31, 32, 38, 40, 41, 42, 44, 45, 59, 60, 63, 66, 67, 81, 82, 84, 85, 86, 90, 91, 107, 108, 109, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 132, 150, 153, 154, 156, 157, 162, 171, 189, 198, 200, 201, 220, 237

### E

Educação 1, 2, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 26, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43,

44, 45, 47, 48, 50, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 71, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 86, 87, 91, 92, 93, 99, 107, 109, 113, 114, 115, 116, 117, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 136, 143, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 229, 230, 236, 237

Educação à distância 82, 178

Educação científica 1, 2

Educação especial 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197

Educação inclusiva 195

Educação profissional 93, 115, 116, 117, 124, 126, 129, 159, 200, 236

Ensino 1, 2, 3, 5, 9, 10, 11, 14, 23, 28, 29, 30, 31, 32, 35, 40, 42, 46, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 65, 81, 82, 83, 91, 92, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 136, 152, 153, 154, 155, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 185, 186, 191, 192, 194, 195, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 228, 229, 230, 232, 234, 235, 236, 237

Ensino de estatística 46, 50, 58

Ensino fundamental 23, 28, 35, 49, 57, 63, 118, 160, 162, 194, 198, 207, 208, 210, 211, 212, 216, 230

Ensino médio 46, 48, 49, 50, 52, 54, 57, 58, 116, 129, 130, 131, 132, 136, 212, 228, 229, 230, 234, 236

Ensino remoto 166, 167, 168, 169, 172, 174, 175, 177

Estágio supervisionado 126, 127, 128, 129, 135, 136, 137, 144

Estudante 2, 110, 112, 150, 151, 152, 155, 157, 171

Estudos de intervenção 18, 19

Ética 20, 29, 30, 31, 32, 33, 61, 62, 66, 67, 107, 140, 141, 143, 146, 148, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 199

Extensão universitária 82, 87, 89, 91, 92

## F

Filosofia da educação 159, 181, 182, 183, 186, 187, 188, 189, 214

Filtração 216

Floculação 216

Formação 2, 10, 11, 16, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 50, 54, 56, 59, 63, 65, 66, 82, 84, 87, 90, 91, 94, 95, 100, 105, 106, 107, 111, 113, 114, 117, 118, 119, 121, 127, 128, 132, 133, 135, 136, 137, 140, 145, 147, 152, 156, 157, 161, 162, 163,

164, 168, 177, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 192, 195, 196, 198, 200, 204, 207, 210, 215, 227, 228, 229, 231, 237

Formação em saúde 105

## **G**

Gleba Celeste 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103

## **H**

Habilidades metafonológicas 18, 19, 20, 21, 23, 26

História 3, 4, 5, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 34, 37, 56, 57, 62, 95, 97, 98, 101, 104, 145, 146, 149, 154, 164, 172, 190, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 202, 203, 204, 206, 208, 210

## **I**

Inserção social 150, 151, 154

Inteligência emocional 138, 140, 141, 143, 148, 149

Interação escola-universidade 227

## **L**

Licenciatura em Educação Física 126, 127

Liderança 132, 138, 139, 140, 144, 145, 146, 149

## **M**

Meninas nas Ciências 227

Mestrado profissional 105, 106, 107, 113

Metodologia desenvolvimento de competências 115

Metodologias ativas 64, 105, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 179

Microrganismo 216

Moral 13, 29, 30, 31, 32, 82, 83, 143, 146, 183, 184, 185, 189, 204, 206

Mulher 83, 84, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 120, 121, 229

Música 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 13, 206

## **N**

Nilza de Oliveira Pipino 93, 94, 98, 99, 102

## **P**

Paralisia cerebral 68, 69, 70, 77, 78, 79

Paulo Freire 12, 13, 16, 107, 109, 117, 125

Pnaic 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 237

Políticas 35, 37, 38, 40, 41, 43, 44, 45, 83, 89, 91, 96, 152, 164, 197, 202, 212

Potabilização 216

Povo iorubá 1, 4, 7, 9, 10

Prática discursiva 93, 94, 95, 97, 98, 99, 101, 102

Prática pedagógica 16, 29, 30, 62, 114, 157, 160, 161, 162, 207

Práticas pedagógicas 59, 61, 67, 88, 91, 126, 158, 160, 161, 163, 164, 170, 177

Preditores para alfabetização 19

Produção do conhecimento 34, 45, 181

## **Q**

Química orgânica 227, 230

## **R**

Religiosidade 1, 4, 8, 10, 202

Representação na nutrição 166, 172, 173, 174, 175, 177

## **S**

Sabonetes artesanais 227, 230, 231

Sais de banho 227, 230, 232

Situação de aprendizagem 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123

## **T**

Tecnologia 2, 12, 112, 126, 129, 138, 139, 140, 144, 148, 151, 154, 155, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 170, 176, 209, 211


Tendências de pesquisa 34, 35

Tratamento da informação 25, 46, 48, 49, 50, 52, 53, 56, 57

3


# A Educação

enquanto instrumento de  
emancipação e promotora  
dos ideais humanos

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 


[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



3

# A Educação

enquanto instrumento de  
emancipação e promotora  
dos ideais humanos

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 